



O assombro de estar viva: processo criativo, aparição e comunidade

The astonishment of being alive: creative process, apparition and community

Juliana Ben Brizola da Silvaⁱ
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Artistas sabem que a vida é nascimento contínuo, assombro e movimento. O processo criativo acontece no limiar entre a intenção de criar e o deixar acontecer, entre a ação e a receptividade, entre o desejo e a entrega. Artistas vivem assombradas porque estão abertas para o mundo, porque, assim como os povos indígenas e quilombolas, sabem que a vulnerabilidade é também força, energia vital, possibilidade de conexão com os seres e com o mundo. Neste artigo, apresento uma parte da minha trajetória de pesquisa que culminou na tese de doutorado “Corpos dissidentes e coletivos de arte: aparição, criação e políticas de vida” (PPGICH/UFSC); uma trajetória nada linear, atravessada pela dimensão onírica e pela proximidade com a morte. Entendo a morte aqui como algo concreto e também metafórico, como fim da vida e fim de um ciclo, como transformação e recomeço. Magia, mistério e aparição guiam os caminhos do campo e da escrita, produzindo um conhecimento encarnado (Wacquant, 2015), ritualístico, singular e coletivo.

Palavras-chave: Sonho; arte; mulheres; assombro; aparição.

Abstract: Artists know that life is continuous birth, astonishment and movement. The creative process takes place on the threshold between the intention to create and letting it happen, between action and receptivity, between desire and surrender. Artists live in awe because they are open to the world, because, like indigenous peoples and quilombolas, they know that vulnerability is also strength, vital energy, the possibility of connecting with beings and the world. In this article, I present part of my research trajectory, which culminated in my doctoral thesis “Dissident bodies and art collectives: appearance, creation and politics of life” (PPGICH/UFSC); a non-linear trajectory, crossed by the oneiric dimension and proximity to death. I

understand death here as something concrete and also metaphorical, as the end of life and the end of a cycle, as transformation and new beginnings. Magic, mystery and apparition guide the paths of the field and the writing, producing embodied (Wacquant, 2015), ritualistic, singular and collective knowledge.

Keywords: Dream; art; women; astonishment; apparition.

Entre mundos, entre campos

*a revolta do tempo
nos lembra que esquecemos
de sonhar
de viver entre mundos
de ouvir o desejo
dos outros*

Escrevi o poema entre mundos¹, a que o trecho acima pertence, alguns dias depois de voltar de uma viagem quase interminável, marcada por acontecimentos extremados. De um lado, a alegria e excitação de estar pela primeira vez na Feira Literária de Paraty (FLIP), participando da programação do evento. Do outro, o medo da morte e a tristeza por mais um desastre ambiental que poderia ter sido evitado, a aflição de se ver presa entre duas barreiras

*caídas
no tempo dos homens
que contam dinheiro*

*a cidade de uma das barreiras tinha nome indígena
guaratuba
que significa ajuntamento de guarás
uma ave vermelha quase em extinção
como a terra
e nossos ancestrais*

Era novembro de 2022 e eu estava *entre campos*: acabava de voltar da viagem de campo ao Uruguai e me preparava para o estágio de doutorado sanduíche na Argentina, onde também iria a campo. Cátia, Drika e eu voltávamos de carro de Paraty, RJ, extasiadas pelas experiências na grande feira literária do Brasil. Na metade do caminho para Floripa, mais ou menos na divisa entre os estados de São Paulo e Paraná, começou uma chuva intensa. Nesta região, já fazia dias que vinha chovendo e os riscos de deslizamentos eram grandes. Notamos

¹ Todos os trechos em itálico alinhados à direita neste subcapítulo são partes do poema *entre mundos*.

que o limpador de para-brisa estava um pouco gasto, o que dificultava ainda mais a visão na estrada. Resolvemos parar em uma oficina mecânica, ao lado de um posto de gasolina:

*por sorte
você sugeriu parar naquele posto de gasolina
e vimos o gol de richarlison
a esperança de uma seleção possível
que defenda a vacina e a luta antirracista
um brasil de verde, amarelo e vermelho
existe?*

Era dia de jogo do Brasil na Copa do Mundo em ano de eleições presidenciais. A polarização política havia chegado ao campo e para nós um gol de Richarlison valia por dois de Neymar. Arrumamos o para-brisa e seguimos. Estávamos exaustas e com muito desejo de chegar em casa. Cinco dias de festival, mais dois dias e meio de viagem. Mil e quinhentos quilômetros rodados, pelo menos. A chuva foi ficando cada vez mais forte e o medo de que algo pior pudesse acontecer nos fez parar no primeiro posto de gasolina que vimos a seguir. Lá soubemos que havia caído uma barreira há poucos km dali e o trânsito estava totalmente bloqueado nos dois sentidos. Estávamos na BR-376, perto da cidade de Guaratuba, Paraná, muito perto da divisa com Santa Catarina.

A chuva não parava. As equipes de socorro estavam no local e já se sabia que vários carros e caminhões haviam sido arrastados pelo deslizamento. Começamos a cogitar voltar para casa por um caminho alternativo, mas o temporal seguia e havia risco de novos deslizamentos. Já era tarde e decidimos dormir em um parquinho-dormitório improvisado para caminhoneiros ao lado do posto onde estávamos. Ficamos dois dias ali ilhadas. No segundo dia chegou a notícia de que duas pessoas haviam morrido no acidente, 15 estavam feridas e havia mais de 20 desaparecidas.

*A chuva não para
e é preciso seguir
porque não estamos soterradas*

A chuva seguia intensa e na manhã do terceiro dia pegamos estrada pelo caminho alternativo, mesmo sendo fortemente aconselhadas a não fazer isso. Nosso dinheiro tinha acabado, as roupas limpas também e não parecia haver opção. Foram aproximadamente 12 horas de viagem, acompanhadas de muita apreensão e alguns momentos de desesperança. Havia muita água na pista e boa parte do caminho alternativo passava por locais de risco,

onde novos deslizamentos poderiam ocorrer a qualquer momento. Mas na noite do dia 30 de novembro, finalmente conseguimos chegar em casa.

Naquela mesma semana comecei a ler o livro *Escute as feras*, da antropóloga e escritora Natassja Martin. Eu o havia comprado na FLIP, onde também assisti à mesa *Sonhos de uma outra terra indígena*, na qual estavam presentes a Natassja, o neurocientista Sidarta Ribeiro, autor de *Oráculo da noite*, e a antropóloga Hanna Limulja, que nesta ocasião lançava *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. Davi Kopenawa, xamã e porta-voz Yanomami, uma das principais lideranças indígenas do Brasil contemporâneo, estaria na mesa também, mas foi contaminado pelo COVID-19 e ficou impossibilitado de viajar.

*o vermelho está nas mãos
na terra
e no rosto dilacerado
o sangue circula e é preciso seguir*

As fronteiras entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, entre o animal humano e o não humano, entre as cosmologias indígenas e as branco-ocidentais estavam no centro do debate entre Natassja, Hanna e Sidarta. Davi, embora não estivesse de corpo presente, pairava nas bocas e nos corações dos palestrantes. Falou-se muito sobre o sonho, em sua ampla acepção. Os sonhos da noite e do dia. Sonhar para não esquecer. Sonhar para seguir vivo, viva. Sonhar outros mundos possíveis. Para os yanomami – e essa é uma concepção compartilhada por várias sociedades indígenas – tudo que existe no mundo sonha e sonhar é acessar outros mundos, outros planos de existência e de possibilidade. Assim, o sonho é uma forma de conhecimento, uma forma de acessar o conhecimento, uma forma de aprender e de agir sobre o mundo (Limulja, 2022).

O sonho, nesse sentido, está conectado com a morte, ou seja, está conectado com os mortos, com o mundo dos mortos e com a passagem para esse mundo. Os yanomami sabem que a morte está inscrita na pessoa desde que ela nasce, que vai chegar para todos nós em algum momento. Quando os mortos aparecem no sonho dos vivos, esse destino póstumo irremediável, a morte, se apresenta, e é preciso lidar com ela. Lidar com ela muitas vezes significa lutar contra ela. Assim, o sonho é também uma forma de resistência para os yanomami, de seguir lutando pela vida. Acontece de, durante o sonho, vir o morto e convidar o vivo a “ir com ele” e daí o vivo responde “não, eu vou depois, vai na frente” (Limulja, 2022).

Morte, renascimento e sonho são também temas que permeiam a obra *Escute as feras*, uma narrativa poética antropológica que conta a história do encontro da autora com um urso, em uma floresta siberiana, durante o trabalho de campo entre os even²:

*o encontro com o urso desfigurou você, nástia
mas você está viva
o golpe, a passagem, o retorno
são um renascimento
porque claramente não foi uma morte
pra você*

O incidente vivido por Natassja deixa marcas profundas e as fronteiras entre os mundos são colocadas à prova; os limites entre o animal humano e o não humano evidenciam os tempos do mito, do sonho e da realidade, abrem fendas no corpo, na mente, no espírito, como fica evidente na descrição das horas que seguem o embate com o urso:

Sinto frio. Tateio à procura do meu saco de dormir, me agasalho como posso. Meu espírito parte na direção do urso, volta pra cá, gira, constrói vínculos, analisa e esmiúça, faz planos mirabolantes de sobrevivente. Por dentro, isso deve parecer uma proliferação de sinapses que enviam e recebem informações mais rápido do que nunca, o ritmo é o do sonho, luminoso, fulgurante, autônomo e ingovernável, porém nada nunca foi tão real nem mais atual. Os sons que capto são amplificados, escuto como a fera, eu sou a fera. (Martín, 2021, p. 8).

Na cosmologia even, quando uma pessoa sobrevive a um embate com um urso, ela se transforma em um xamã, aquele que vive entre mundos, metade humano, metade urso (Martín, 2021). Para os even, os ursos são os mais inteligentes entre todos os animais, tão poderosos quanto os humanos. Ao retornar ao povoado após o acidente, em conversa com Vássia, um dos principais interlocutores da antropóloga, ele alerta “os ursos não suportam olhar nos olhos dos humanos, porque veem neles o reflexo de sua própria alma. Por isso, nós não devemos nunca olhar nos olhos do urso em um possível encontro e se o fazemos, inevitavelmente, cruzamos os mundos” (Martín, 2021, p.88-89).

² Povo do Grande Norte, que hoje habita a península Kamtchátka, na Sibéria.

2 Sonho, morte e acontecimento

*a escuta do tempo
o tempo do sonho
a revoada
a retomada
o nosso melhor destino³*

As leituras e acontecimentos de novembro de 2022 sucederam experiências de sonho, vida e proximidade com a morte ocorridas durante o trabalho de campo no Uruguai, compondo uma teia de relações e significados que eu tentava desvendar. No Brasil, o clima de morte deixado pela pandemia e pelo governo de Bolsonaro – (des)governo que se encerraria em poucos dias – mesclava-se ao respiro de vida por haver escapado do acidente de Guaratuba que por sua vez encontrava a esperança de dias melhores com Lula presidente. No Uruguai, o clima estava tenso. Com o retorno do Partido Nacional ao poder, políticas neoliberais e conservadoras voltavam à pauta e a precarização dos trabalhadores de diversas áreas provocava manifestações e greves constantes.

No dia cinco de outubro de 2022 chego à Montevideú. Fui diretamente para a casa de Lara⁴, uma amiga brasileira descendente de uruguaios que estava morando na cidade havia poucos meses. O apartamento situava-se no tradicional bairro de Palermo e havia pertencido à avó de Lara, uma uruguaia, professora de história aposentada, que falecera alguns meses antes. Lara estava ali para vender o apartamento e dar destino aos móveis e pertences da avó.

O espaço era grande, ensolarado e tinha dois quartos. Lara preparou um deles para mim. Na primeira noite eu simplesmente capotei pois estava muito cansada da viagem. Mas na manhã do dia seguinte, me dei conta de que aquele era o melhor quarto da casa, tinha um grande armário, uma grande cama e uma linda vista para o horizonte, justo onde o sol se põe. Eu achei curioso que aquele fosse o quarto de hóspedes e perguntei a Lara porque eu estava no melhor quarto da casa. Ela me respondeu que esse era o quarto da avó e que ela, Lara, preferia dormir em um lugar mais neutro.

³ Trecho final do poema “entre mundos”.

⁴ Os nomes das interlocutoras que aparecem nesta seção, assim como de pessoas citadas por elas, foram trocados para manter os respectivos anonimatos.

Fiquei hospedada ali durante uma semana e, entre saídas de campo em busca de coletivos de artistas formados por mulheres e por outros corpos dissidentes, acompanhei o processo de luto vivido por Lara. Ela me contou diversas histórias da família e da avó, enquanto embalava e colocava preço em objetos antigos que não poderia levar para o Brasil – fosse porque não havia espaço na sua casa, fosse pelo alto custo de envio. Embora não haja registros ou indícios de que a avó tenha militado em algum movimento social durante o período da ditadura militar no Uruguai, ela era uma professora de história em atividade nessa época e lembro de minha amiga e eu termos especulado algo sobre o possível envolvimento de sua avó com os movimentos de resistência à ditadura.

Durante minha estadia na casa de Lara, dormindo na cama da avó morta e fantasiando seu possível passado de resistência, tive vários sonhos. Em uma destas noites sonhei que estava em uma casa bastante precária, que funcionava como um esconderijo, acompanhada de amigos. Havia uma forte tensão entre mim e uma amiga próxima – que vamos chamar de Bia. Ela tinha uma arma e queria me matar. Eu reconhecia a tensão – que era anterior ao momento do sonho – e sabia que nós tínhamos nossas diferenças, mas não conseguia entender por que ela queria me matar. Bia estava muito mal, chorando, abatida, de um jeito nunca visto antes por mim. Ela tinha dúvidas. Eu tento conversar com ela e com os outros amigos para entender o que está ocorrendo e se instala um clima de “ser inevitável” a (minha) morte. Bia sugere que conversemos em um local mais afastado, e que eu sabia ser também mais precário. Embora eu tema a morte e tema esse lugar mais afastado, sinto que ela quer me mostrar algo que é importante que eu veja. Quando estou no caminho, acordo.

Lembro de acordar bastante impressionada e nos dias que se seguiram fui elaborando algumas ideias a partir dos elementos do sonho. Havia algo de revelação a partir da possível morte ou da proximidade com ela e também a questão de ser inevitável: a morte, a conversa, ir a esse lugar afastado e precário. Poderíamos concluir, em uma perspectiva psicanalítica, que eu sonhei com coisas e pessoas porque elas estavam no meu inconsciente e que minha amiga poderia ser eu mesma no sonho; assim como poderíamos dizer que sonhei com morte pois estava pensando, falando sobre morte e pessoas mortas. Mas também é possível interpretar esse sonho a partir de cosmologias indígenas, em que o foco não está no eu e sim no coletivo. O sonho, para os yanomami, não é um desejo oculto do eu, mas um desejo manifesto do outro (Limulja, 2022). Quando sonho com minha amiga, é minha amiga que

está pensando em mim e é por isso que sonho com ela. Na cosmologia yanomami, a conexão entre as pessoas e entre tudo que é vivo se manifesta no sonho como se manifesta na vida desperta.

Pensar o sonho como dimensão da vida e da morte, como um lugar onde aprendemos sobre o outro, um lugar que nos possibilita ir mais adiante, perceber que no mundo há outras pessoas, outros seres, que o mundo vai muito além do meu próprio umbigo, nos ajuda não apenas a ampliar nossa visão de mundo, como também a refletir sobre nossos modos de vida – capitalistas, individualistas, predatórios – e a nos responsabilizarmos pelo amanhã. Para os yanomami, o sonho é uma forma de seguir lutando pela vida, de maneira singular e coletiva.

Resistir à morte em sonho poderia dar uma sobrevida ao sujeito, no sentido de trazer lucidez para lidar com uma questão importante para si ou para a comunidade. Se a sociedade é uma forma de organizar a experiência (Leach, 1986) o sonho pode ser uma forma de organizar os pensamentos, de ver o presente – e também o futuro e o passado – a partir de uma outra perspectiva, que está no nível do sensível.

Algo interessante de destacar é que Bia, a amiga com a qual sonhei, integra um dos coletivos pesquisados por mim (Pinte Lute Floripa) e pouco antes da viagem a campo para o Uruguai, eu acompanhei uma atividade deste coletivo. A ação consistia em pintar uma cozinha comunitária em uma ocupação em um bairro periférico de Florianópolis. A experiência de estar ali e de colaborar na pintura deste espaço se mostrou intensa e reveladora em diversos níveis. Intensa porque estive próxima de pessoas e de um território em situação extrema de vulnerabilidade social. Reveladora porque pude acompanhar fragmentos de revoluções cotidianas operadas por estas pessoas e pelo coletivo Pinte e Lute.

Quando sonho com Bia – um sonho sobre morte, precariedade da vida e resistência – no quarto da avó morta – uma professora de história que viveu o período da ditadura militar no Uruguai – em meio a uma greve da UDELAR, que havia se instalado no dia anterior a minha chegada, penso que conexões estão acontecendo, independentemente das explicações que se deem para elas. De maneira intuitiva, mas também assertiva, em certo aspecto, pois não me descolo da pesquisadora em campo, ávida pelo conhecimento e pelas trocas com interlocutores que surgem no caminho, confio no processo.

Alguns dias depois, me mudo para a casa de uma amiga de um amigo – que vamos chamar de Amanda – e o que acontece na sequência está descrito neste trecho do meu diário de campo:

Ontem cheguei na casa de Amanda. Ela gentilmente foi me buscar na casa de Lara e me deixou aqui [na sua casa] por volta das 15h30. Ela precisou voltar ao trabalho e combinamos de irmos ao ensaio de uma *comparsa* só de mulheres – La Firmina – que aconteceria aqui perto às 19h/19h30. Por volta das 18h45 Amanda me enviou um áudio dizendo que precisaria mudar os planos da noite pois um vizinho tinha se suicidado dentro do apartamento da cooperativa de viviendas, que é onde ela vive, onde eu estou neste momento. Por volta das 20h30, Amanda chegou com sua amiga Cris e elas traziam um colchão que Cris estava emprestando para que eu pudesse ficar mais confortável aqui por esses dias. Amanda contou que Martín, o homem que se suicidou, era candombeiro e vivia com a esposa e os filhos no apartamento da cooperativa. O casal havia se separado há pouco e ele ficou no apartamento com os filhos adolescentes. O filho menor, de 12 anos, encontrou o pai caído no chão. Amanda comentou que o combinado era que a ex-esposa voltaria para a casa na cooperativa após alguns meses e que o homem buscaria um outro lugar para viver. Agora com o ocorrido ela jamais voltará, acredita Amanda, a morte havia manchado o apartamento. (Diário de campo, Montevideú, 12 de outubro de 2022).

A morte sempre impacta, mas um suicídio impacta de um jeito diferente, ainda mais quando se trata de uma pessoa jovem. Martín tinha aproximadamente 40 anos e era um músico candombeiro⁵ bastante conhecido na comunidade. O local onde se deu o ocorrido é uma *cooperativa de viviendas*, um conjunto de apartamentos construídos pelo governo e vendidos a preços populares e/ou com crédito facilitado. Pelos relatos de Amanda e pelo que pude observar durante os onze dias que fiquei hospedada lá, há um espírito de vida comunitária na cooperativa: os vizinhos e as vizinhas se conhecem, convivem, tomam mate juntos e se ajudam. Muitas destas pessoas são parte do movimento candombeiro e outras são expectadoras e ouvintes dos ensaios e das apresentações de candombe que acontecem no bairro. A cooperativa está localizada no *Barrio Sur*, na região central, considerado um dos mais tradicionais de Montevideú, berço do candombe no Uruguai.

Nesta noite, Amanda e outras pessoas da *cooperativa de viviendas*, se organizaram em pequenos grupos para dar conta da situação, que envolvia o suporte emocional à família e

⁵ O candombe é uma manifestação cultural afrouruguaia, que envolve música, dança e ancestralidade. Uma *comparsa* de candombe é um grupo ou coletivo de pessoas que se forma – e se reúne periodicamente – com o objetivo de tocar e dançar candombe.

aos amigos mais próximos de Martín, como também ajudar com questões administrativas que envolviam o acontecimento. Os dias que se sucederam foram bastante sombrios na cooperativa, mas também foram dias de união e de fortalecimento coletivo:

Durante toda a semana, desde terça, que foi o dia em que Martín se suicidou, houve uma movimentação de luto na cooperativa. Na quarta foi o velório. Amanda me contou que estavam aí todos companheiros com os tambores. Foi um momento triste, mas de muita força na coletividade, segundo o relato dela. Martín participava de uma das comparsas da comunidade. Na sexta, a comparsa da qual ele participava – que é uma comparsa itinerante – se reuniu na frente da cooperativa para fazer uma homenagem à Martín. O usual nos ensaios das comparsas é se encontrar sempre no mesmo lugar, acalantar los tambores con fuego y hacer un recorrido siempre igual, tocando, bailando y caminando por algunas quadras del barrio. Mas nesse dia a comparsa fez um caminho diferente para passar em frente à casa onde vivia Martín. Foi um momento comovente. Houve um minuto de silêncio quando chegaram na porta da casa. Depois seguiram até uma praça e aí pararam, como de costume. Esse é um momento para charlar, beber, abrazar la gente. Conheci muitas vizinhas e alguns vizinhos de Amanda nesse dia. Parece haver um forte envolvimento comunitário entre essas pessoas. (Diário de campo, Montevideú, 14 de outubro de 2022).

Eu já tinha assistido ao ensaio de algumas *comparsas* e acompanhado outras *salidas de tambores* – como é chamado o movimento da comparsa que se desloca por algumas quadras, percorrendo um trajeto que vai agregando pessoas no caminho – *vecinos y vecinas*. A dimensão do ritual na prática candombeira já se havia apresentado a mim, mas no dia da homenagem à Martín alguns aspectos dos ritos tornaram-se mais evidentes e pude perceber a importância de cada um deles para o movimento como um todo. Um elemento que chamou a minha atenção – e que vi se repetir muitas vezes, pois é parte fundamental do candombe – foi a função de protagonismo compartilhada pelas pessoas presentes na *salida de tambores*. O candombe não é um espetáculo que se assiste, mas um movimento do qual se participa, independentemente da posição que se ocupará no momento: você pode estar tocando um tambor, você pode estar dançando (fazendo ou não os passos do candombe) ou pode estar caminhando junto à comparsa. Enquanto tocam os tambores, todos, todas e todes que se aproximam são bem-vindos e formam parte daquela coletividade, ainda que de forma efêmera.

3 Coletiva abissais: criações entre o abismo e o feminino

*Correr o risco
correr o risco da falta
correr o risco da fala
da falta
da língua⁶*

Dois anos antes dos episódios vividos no Uruguai, em Paraty e nas proximidades da barreira de Guaratuba, lugares de morte-vida-e-sonho, eu e minha amiga Damiana Bregalda desembarcávamos na Praia do Matadeiro, onde iniciáramos o projeto *Abissais: encontro de mulheres nas artes*. O projeto consistiu inicialmente em uma residência artística nesta praia ao sul da ilha de Santa Catarina, ilha que forma parte da cidade de Florianópolis, SC. Juntas e isoladas do convívio social, buscamos encontrar e tecer pontos de conexão entre nossos projetos artísticos-investigativos e ao mesmo tempo refletir sobre os trabalhos de outras mulheres artistas que pesquisam temas que nos movem: feminismos, corpo, palavra, espaço doméstico, espaços de criação. Além disso, estávamos interessadas em perspectivas de atuação em que a colaboração entre mulheres fosse fundamental.

A partir dessa ideia, promovemos encontros em vídeo, on-line, com mulheres artistas da cena catarinense que trabalham ou trabalharam de forma colaborativa, nos quais dialogamos sobre a perspectiva da mulher multitarefas, sobre o ser mulher em seus múltiplos papéis numa sociedade patriarcal e sobre formas diversas de resistir e produzir por meio da criatividade e da luta pela vida. E no final, realizamos uma mostra, também on-line, com os trabalhos artísticos destas e de outras mulheres que “transitam o habitar de seus corpos desde as perspectivas da extração (de fluidos, da dor), do desejo e da relação humanos e não-humanos num contínuo interceptado de vida-morte-vida”⁷.

O íntimo e o público se encontram na criação e na reivindicação do corpo político, um corpo de mulher que é matéria e também abismo. O nome *Abissais* surge dessa relação entre o abismo e o feminino:

Abissais são seres que vivem em uma zona hostil, no profundo do mar, onde há pouca ou nenhuma luz, por isso muitos destes seres são

⁶ Trecho da letra de música “Correr o risco”, que compus em parceria com o músico e amigo Daniel Postalez, no inverno de 2022, na Vila das Capivaras. A letra foi inspirada na vídeo-performance *É preciso correr o risco*, de Damiana Bregalda, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nziBgyBCJpo>.

⁷ Trecho do texto de abertura da exposição, escrito em coautoria com Damiana Bregalda. A Mostra Abissais está disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=ivWEh2-lbqM&t=5s>

bioluminescentes (tem luz própria). Os seres abissais são representados muitas vezes como monstruosos, ameaçadores e misteriosos. As mulheres também habitam um território hostil e são tomadas como seres estranhos: belos e atraentes, mas também feios e perigosos.⁸

As contradições e os paradoxos inerentes à construção do feminino em nossas sociedades ocidentais nos levaram à metáfora dos seres abissais, seres que vivem nas profundezas do mar, espaço de mistério e assombro. Atraídas pelos saberes e fazeres de mulheres que trabalham a dimensão do oculto, do misticismo, do ritual, da bruxaria, da espiritualidade e da ancestralidade, seja em suas vidas cotidianas seja em suas práticas artísticas, imergimos em *Abissais*, abertas às possibilidades e aos acontecimentos.

A Praia do Matadeiro fica entre a Armação do Pântano do Sul e a Lagoinha do Leste e é um lugar inacessível a veículos automotores. Lá se chega de barco ou a pé. A trilha, vindo da Praia da Armação, é curta e relativamente fácil, fato que permite o acesso de muitos turistas no verão e também a residência de pessoas e famílias⁹. De abril a novembro, o Matadeiro é um local pouco habitado, onde costumam circular apenas moradores e habitantes de outros bairros que visitam praias do Sul da Ilha nos finais de semana.

Alugamos uma casa no final da praia, na beira do mar. O barulho do mar é uma das memórias mais presentes que tenho da estadia no Matadeiro. Um som variável e constante ao mesmo tempo: está sempre ali, mas com tempo e atenção é possível perceber suas variações. O mar muda o tempo todo. Descobrimos, por exemplo, que em alguns horários do dia, naquela época do ano, era quase impossível atravessar as pedras e fazer a trilha para a Armação – local mais próximo para comprar comida ou qualquer outra coisa que se necessitasse e levar o lixo para o ponto de descarte – porque a maré sobe às 12h e às 0h, aproximadamente.

Em dias de lua cheia e lua nova, a maré enche ainda mais e traz consigo o que o mar quer deixar. Entre pedaços de plástico e de vidro, começou a aparecer uma grande quantidade de peixes baiacus mortos. Na verdade, era a carcaça do baiacu, cheia de espinhos,

⁸ Texto escrito por mim e por Damiana Bregalda e que compôs a proposta de pesquisa aprovada pela Fundação Catarinense de Cultura, que financiou nosso projeto por meio do edital SCulturaemSuaCasa.

⁹ O Distrito do Pântano do Sul, que engloba sete localidades, entre elas, a Praia do Matadeiro, conta com uma população de 5.827 pessoas, de acordo com o Censo de 2010 do IBGE. De acordo com estimativas minhas, que vivi durante três anos na Praia da Armação, a população atual do Matadeiro é de aproximadamente 500 pessoas.

que chegava na areia e era preciso ter cuidado ao caminhar na praia, pois pisar em uma carcaça daquelas podia facilmente ferir o pé de alguém.

Além do baiacu, havia na beira da praia – em menor número, mas em quantidade expressiva – um outro ser do mar, que não sabíamos à qual espécie pertencia, e que se assemelhava muito às imagens de seres abissais que havíamos visto na internet. E foi no dia em que Dami fotografou este ser, que a palavra “aparição” surgiu em nossas conversas e a proposta de *Abissais: encontro de mulheres nas artes* começou a tomar contornos mais definidos.

Figura 1. Ser abissal



Fonte: Acervo da Coletiva Abissais

Um dado importante de ser mencionado diz respeito à origem dos nomes Armação e Matadeiro. Essa região da costa de Santa Catarina faz parte da rota das baleias francas que viajam da Antártida até o Brasil em busca de águas mornas para se reproduzirem. Na época em que era permitido caçar baleias, até meados dos anos 80 do século passado, no Sul da Ilha de Santa Catarina, onde está a parte insular da cidade de Florianópolis, era comum a caça de baleias e as praias que hoje conhecemos como Armação e Matadeiro levam esses nomes pois na primeira se armava a caça e na segunda se matava o animal. Há quem diga que em algumas noites, com condições climáticas específicas, podem ser vistos pontos brilhantes na areia da Praia do Matadeiro. Estes pontos seriam os ossos de baleia enterrados.

Durante nossa residência artística, eu estava trabalhando em um livro de poemas que publiquei no ano seguinte (2021). As palavras e imagens mais presentes no livro eram “duração” e “furacão”. Lembro de sentir a presença imponente do mar em quase todos os

momentos do dia e da noite, fosse pelo barulho, pelo cheiro, pela cor ou pela água que chegava aos meus pés. Em alguns momentos me incomodava estar tão perto do mar; ele sabe ser excessivo e hostil quando quer ou precisa. Essa invasão do mar em mim – com seus seres abissais e as contradições que lhe são inerentes – culminou na escrita de alguns poemas, entre eles “huracán”:

o tempo de um furacão é de aproximadamente dois dias e ele se
forma sempre sobre os oceanos

o olho sobre a água

um fato curioso e notável é que no olho do furacão o tempo é
calmo. nesta zona, que pode variar entre 8 e 200 km de extensão, a pressão
é muito baixa podendo ocorrer ventos de somente 30 km/h

cientistas afirmam que nomear furacões com nomes humanos tem
como objetivo evitar confusão e fazer com que seja mais fácil lembrar dos
nomes ao divulgar alertas

estudos afirmam que furacões com nomes de mulher matam mais
pessoas que aqueles com nomes masculinos, porque costumam ser
levados menos a sério e, conseqüentemente, há menos preparação para
enfrentá-los

[quem se prepara para ser devastado por uma mulher?]

curiosamente, os mesmos estudos apontam que nomes masculinos
foram adicionados à lista para evitar desequilíbrio de gênero

no entanto, o desequilíbrio permanece

katrina, laura, irma, rita, wilma, patrícia, emily,
namoradas
esposas
mães

do alto escalão do exército estadunidense
na segunda guerra mundial

o desequilíbrio permanece

a cada sete anos, os nomes se repetem

a repetição é importante para conferir certa identidade aos
fenômenos, contudo os nomes de furacões que causaram uma grande
quantidade de danos ou mortes não se repetem. (Ben, 2021, p.32-33).

Enquanto isso, Damiana trabalhava em Floema, um projeto de livro de artista, que depois se transformaria em exposição, em que imagens (fotos, colagens, pinturas) se entrelaçam às palavras. Em um dos textos, intitulado Carta à vó, ela diz:

Não muito tempo depois de me perguntar sobre teu gesto de costurar plantas na terra com linha de fogo, nutrindo-a com as cinzas de outras plantas, escutei que a terra disse a um povo que “lidar com as cinzas é lidar com a matéria orgânica do ancestral e que estas nos lembram que somos matéria orgânica em permanente transformação. (Exposição Floema, de Damiana Bregalda, 2022).

Figura 2. Sobreposição de fotografias com colagem de raízes



Fonte: Fotografia de Damiana Bregalda. Acervo da Coletiva Abissais

Memória, ancestralidade e a relação entre humano e não-humano eram temas que nos interessavam. O conhecimento produzido por mulheres, que engloba a sabedoria das anciãs em sociedades indígenas era parte importante da nossa pesquisa. Tornar-se permeável aos saberes e fazeres dos povos originários, valorizar o conhecimento ancestral de mulheres indígenas, conectar-se com a memória de nossas antepassadas – entre elas, mulheres indígenas que habitaram a região de Paraí e de Palmeira das Missões, RS, cidades de origem da família de Dami e da minha, respectivamente – foram desejos e propostas que nos moveram em *Abissais* e possibilitaram vivências em que o assombro e a aparição foram constantes.

Em uma das noites de lua cheia no Matadeiro convidei algumas amigas para um encontro com fogueira, música e poesia na beira da praia. Se não me falha a memória, estávamos em quatro: Hellen, Morgana, Elisa e eu. Dami estava cansada nesse dia e foi dormir mais cedo. Nós catamos lenha, fizemos a fogueira, tocamos violão, cantamos, bebemos vinho e demos muita risada. No dia seguinte, Dami acordou cedo e foi encontrar uma amiga dela na praia. A amiga estava com o filho pequeno e ele estava brincando com os restos de madeira da fogueira da noite anterior. Dami se aproximou do menino e percebeu que um dos tocos de madeira se sobressaía, formando a imagem capturada na sequência:

Figura 3. Santa pássaro carvão



Fonte: Fotografia de autoria coletiva. Acervo Coletiva Abissais.

Figura 4. Santa pássaro carvão de costas



Fonte: Fotografia de autoria coletiva. Acervo Coletiva Abissais.

Depois disso ela foi correndo me acordar e disse “amiga, você precisa ver isso”. Foi curioso porque estávamos justamente na semana do feriado de Nossa Senhora Aparecida, a santa padroeira do Brasil, segundo a tradição católica assumida pelo Estado. Quando vi a santa, preta de um lado, marrom de outro, com cara de corvo, meio pássaro, meio víbora, lembrei que os primeiros furacões de que se tem registro foram nomeados de acordo com a santa – ou o santo – que estivesse sendo celebrada(o) no dia. Descobri esse dado naquela mesma semana, imersa no processo criativo de Duração que me levou a pesquisar sobre furacões na página da Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA).

Imaginação, realidade, sonho, desejo, arte, magia, experiência, assombro e concretude, tudo se atravessa na imagem da santa que via nos escombros. Na fronteira entre o pensamento científico e as explorações estético-espirituais, como Gloria Anzaldúa, mergulho nas condições de possibilidade do olhar, na “comunicação entre o visível e invisível que envolve o ato perceptivo” (Ben, 2020, p. 36).

A escritora, pesquisadora e ativista chicana Gloria Anzaldúa não separava identidade de espiritualidade e com frequência tinha visões que colaboravam em seu processo de elaboração de experiências (singulares e coletivas) dolorosas. A colonização e suas consequências nos corpos e territórios *mestizos* são abordadas pela artista que toma a fronteira como lugar de resistência, espaço de criação, ruptura, implosão e explosão, “donde se juntan los fragmentos y se crea un nuevo ensamblaje” (Anzaldúa, 2021, p. 83).

Em sua última obra, *Luz en lo oscuro*¹⁰, a autora entrelaça todas as facetas do seu pensamento e teoriza sobre o seu processo de escrita como uma prática artística e encarnada, que atua nos níveis psíquicos, afetivos e espirituais. No capítulo *Vuelos de la imaginación: reler/reescribir realidades*, Gloria conta a seguinte história:

Em um fevereiro, há vários anos, uma forte tempestade de inverno partiu um pedaço deste cipreste de Monterrey, e o arborista do parque serrou o galho rachado e o lado danificado do tronco. Nesse dia, desanimada, caminhei pela orla de West Cliff até o cipreste. Entre a bruma e o nevoeiro e o vento cortante, a vi saindo do tronco oco, era a *Virgem de Guadalupe*, com a cabeça inclinada, os braços estendidos e uma auréola que a rodeava. À distância, os tons claros e vívidos de bronze e marrom da madeira crua recém cortada e as fibras penduradas do tronco pareciam dobras do seu

¹⁰ Publicado de maneira póstuma, 11 anos depois da morte da autora, *Light in the dark* foi escrito originalmente em inglês, porém intercalado com longas passagens em espanhol mexicano e com citações de palavras e nomes em *náhuatl*, idioma indígena, da família *uto-azteca*, falado no México e em outros países da América Central.

manto. Desde então se desvaneceram, tornando-se cinza, como as casas descoloradas pelo sol dos mexicanos no Sul de Texas. Mas desde que vi a *Virgem* emergindo da árvore, minha imaginação a distingue toda vez que a caminho em direção a ela, independente das alterações que o tronco do cipreste sofre com o envelhecimento, as tempestades ou as marés.

Quando saio para caminhar com meus amigos, eles não veem a *Virgem*, até que eu a aponte para eles. Depois disso, eles sempre a veem e a mostram aos seus amigos. É mais ou menos como buscar animais escondidos nos livros infantis para colorir; requer uma leve mudança de perspectiva para que elas apareçam entre a folhagem. É como se a árvore estivesse me ensinando a perceber não apenas com meus olhos físicos, mas também com todo o meu corpo e, especialmente, a ver com os olhos do meu outro corpo. (Anzaldúa, 2021, p.43. Tradução minha).

Li *Luz em lo oscuro* no verão de 2024, mais de três anos depois da residência artística no Matadeiro, e não pude deixar de notar as semelhanças entre a aparição de Nossa Senhora na praia e a visão da *Virgem* de Guadalupe no parque. Glória nomeia percepções e sentimentos que me ajudaram a organizar a experiência vivida no Matadeiro, uma experiência que é singular e compartilhada (com Dami e as amigas na fogueira).

A aparição da santa nos restos de madeira em brasa da noite anterior, brasa da fogueira das mulheres, também me lembrou o fenômeno recorrente da aparição de santas no Brasil, geralmente em contextos católicos. Antropólogos vêm estudando tais aparições, que costumam acontecer em cultos e rituais religiosos, mas também fora deles (Steil, 2003). As aparições brasileiras contemporâneas apresentam alguns padrões, entre eles, a presença de crianças videntes e a ocorrência do fenômeno em localidades rurais (Sales, 2012).

Tais fenômenos, vinculados a aparições, visões e espíritos, são frequentemente associados a uma visão de mundo animista. Teorias ocidentais construídas a partir de uma visão eurocêntrica e antropocêntrica descrevem o animismo como um sistema de crenças que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inertes. Antropólogos têm questionado essa concepção e problematizado o modo como o pensamento dos cânones ocidentais rotula e inferioriza etnias e sociedades que operam a partir de cosmovisões diferentes das suas.

Partindo do conhecimento fenomenológico, que questiona a existência de um mundo objetivo (linear, coeso, acabado) prévio a nossa experiência, o antropólogo escocês Tim Ingold demonstra o equívoco do que se convencionou chamar de animismo:

Primeiramente, não estamos lidando com uma crença *sobre* o mundo, mas com uma condição de *ser* no mundo. Isso poderia ser descrito como uma condição de estar vivo para o mundo, caracterizado por uma capacidade

elevada de sentir e responder, na percepção e na ação, a um ambiente que está sempre em fluxo, que não permanece o mesmo de um momento para o outro. A animização, então, não é a projeção imaginativa de propriedades humanas nas coisas que elas percebem ao seu redor. Ao contrário, e esse é o meu segundo ponto, a animização é o potencial dinâmico e transformativo de todo um campo de relações dentro do qual os seres de todos os tipos, mais ou menos pessoa ou coisa, geram a existência um do outro de forma contínua e recíproca. A animização do mundo vivo, em suma, não é resultado de uma infusão de espírito na substância, ou de ação à materialidade, mas é ontologicamente anterior a essa diferenciação. (Ingold, 2013, p. 12).

Conhecido por sua ampla e sensível visão do (meio) ambiente e do conhecimento (científico e não científico), Ingold defende a vida como “nascimento contínuo”¹¹. Se por um lado essa definição o aproxima de cosmopercepções indígenas e quilombolas, por outro ela constrói uma teoria que opera uma série de inversões das clássicas ideias de organismo e (meio) ambiente que conhecemos. O organismo não é uma linha linear ou um círculo fechado e sim algo parecido a um micélio fúngico – ou um rizoma, nas teorias de Deleuze e Guatarri que são citadas pelo autor – que junto a outros organismos forma uma rede cada vez mais ramificada de linhas de crescimento. A integralidade ou o emaranhado das linhas desta rede de organismos são a textura do mundo (Ingold, 2013).

A ideia de dentro e fora, superficial e profundo, acima e abaixo perdem o sentido nesta perspectiva, que vai ao encontro da ontologia anímica. A vida é movimento, fluidez, transformação, nascimento e assombro contínuo. Nós habitamos o mundo e tudo que é vivo *está no mundo*, que é diferente de *ser do mundo*. O que Ingold chama de assombro é uma abertura para a experiência de estar vivo, “um sentimento de admiração que surge quando navegamos na crista da onda do contínuo nascimento do mundo” (Ingold, 2013, p.22).

Neste sentido, ser artista é viver assombrada, estar e permanentemente colocar-se em uma posição de porosidade perante o mundo, provocando (movimentos, mudanças) e se deixando afetar ao mesmo tempo. A arte surge aqui como possibilidade de acesso ao movimento da vida e a artista como um ser lúcido e aberto à experiência de estar no mundo. Revolta, afeto, magia, intenção e entrega se atravessam nos processos criativos e nas reflexões teóricas, agindo como resultado e combustível da prática artística e política.

¹¹ Definição de vida dada por um homem entre os Wemindji Cree, caçadores nativos do norte do Canadá, ao etnógrafo Colin Scott. No texto “Repensando o animado, reanimando o pensamento”, Ingold cita este significado dizendo “eu quero pregar isso na minha porta! Isso vai ao cerne da questão” (2013, p. 13).

Abrir-se para o encontro artístico é alimentar o sonho e a coletividade, mergulhar em um mar de possibilidades e de indeterminação, mantendo a consciência da minha singularidade e me conectando com os outros seres e com o mundo. Perceber o assombro de estar viva significa reconhecer a natureza humana selvagem e a importância de todas as formas de vida; é tocar a existência com sutileza e intenção, aceitar e adorar o mistério, praticar feitiço e alquimia, substâncias essenciais para adiar o fim do mundo.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G.E. **Luz en lo oscuro**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Hekht Libros, 2021. 362p. ISBN 978-987-4954-06-0.

BEN, J. **Duração**. Rodeio: Papel do mato, 2021. 40p. ISBN 978-65-996283-0-6.

BEM, C.P. **A luz além da cena: vestígios do olhar de uma iluminadora**. 2020. 336 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo.

INGOLD, T. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.

LEACH, E. **Political systems of highland Burma: a study of Kachin social structure**. Athlone Press, London; Atlantic Highlands, NJ, 1986. ISBN 13. 978-1597406031.

LIMULJA, H. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 192p. ISBN 978-65-86497-91-5.

MARTÍN, N. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021. 112p. ISBN 978-65-5525-082-4.

SALES, L. Nossa Senhora e o fim dos tempos. **Antropolítica**, Niterói, n. 33, p. 169-190, 2. sem. 2012.

STEIL, C. A. **Maria entre os Vivos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 286p. ISBN 10. 8570257171.

WACQUANT, L. For a sociology of flesh and blood. **Qualitative Sociology**, n. 38, p. 1-11, 2015.

ⁱ Artista, pesquisadora interdisciplinar e Doutora em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Mestra em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais (UFRGS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) E-mail: juliana.ben.brizola@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3567-9186>

Recebido em 28/12/2024
Aceito em 29/01/2025



Eutomia, direitos autorais de Juliana Ben Brizola da Silva, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).